



INUNDAÇÃO DO SAONE EM LEÃO.

VOL. II. — 4.ª SÉRIE.

MAIO, 15, 1858

C. M. L.
 GABINETE
 DE ESTUDOS
 OLISIPONENSES

INUNDAÇÃO DO SAONE EM LEÃO.

Assim como os rios, quer pelo lado de fertilisarem a região que banham, quer tomados como arteria que serve a dar vasão aos productos dos grandes mercados, e centros de população, são geralmente fallando, um dos mananciaes de riqueza; assim também ás vezes são causa de grandes prejuisos, quando as suas aguas tomando maior volume do que comporta ao seu leito, o transbordam, e inundam as ruas e praças da cidade, a que até ali serviam de canal de riqueza.

O Saone é um dos rios mais consideraveis de França, que nascendo nos montes dos Voges, junto a Darney, atravessa aquella região por varios departamentos, e vae lançar-se no Rhodano, abaixo de Leão. Recebe em si umas seis ribeiras, e dá nome a dois departamentos.

Leão é uma rica, e consideravel cidade da França. Dão-lhe por fundador o consul Lucius Munacius Plancus, e remontam a epoca da sua edificação ao anno 41 antes de Jesus Christo. Diz-se também que os barbaros a saquearam, quando teve logar essa invasão de povos, que como torrentes se precipitaram do norte, a occupar todos os paizes que os romanos haviam aggregado ao seu imperio. - Está levantada na colina direita do Saone. A sua situação na confluyente do Rhodano e do Saone deu-lhe a importancia commercial que tem, desenvolvida como se acha pelas inumeraveis fabricas que possui, e entre ellas especialmente sobresaem as de suas afamadas sedas, e rendas.

Não vae ainda longe a epoca em que foi litteralmente inundada, pelo crescimento das aguas do Saone. N'esta occasião soffreu valiosos estragos, que a actividade do governo, e a riqueza dos habitantes d'esta cidade promptamente repararam. Chegaram até altura aquelles volumes do liquido elemento, que foi necessario salvar em barcos a desolada população, que assim se encontrou encerrada em suas casas, não tendo outra saída para esta unica via que se lhe offercia de salvação, senão pelas janellas. Como é de presumir foi grande o numero de victimas, apesar da promptidão de soccorros com que se accudiu.

Tal é a scena que a nossa gravura representa.

OS ULTIMOS ANNOS DO REINADO DE D. AFFONSO V.

COM DOCUMENTOS INEDITOS.

v.

Continuação.

Os personagens que mais influíam no partido do príncipe D. Affonso, e que depois, impelli-

dos por uma ambição pouco escrupulosa, offerceram os seus serviços a el-rei D. Affonso v, propugnando pelos direitos da infanta D. Joanna, que elles declaravam antes infundados, eram João Pacheco, marquez de Villena, e Affonso Carrillo, arcebispo de Toledo.

O primeiro, fidalgo de origem portugueza (1), que entrara como pagem na casa do celebre condestavel D. Alvaro de Luna, alcançara a final um emprego junto á pessoa do príncipe Henrique. A sua subtileza, e agudo engenho em breve o tornaram absoluto dominador do espirito de seu amo, e fôra, guiado pelos seus conselhos perniciosos, que este tantas vezes se insurgira contra seu pae. Fertil em promover intrigas, sabia-as também conduzir com rara habilidade. A feição dominante do seu character era preferir sempre os meios tortuosos aos meios de uma politica franca, embora estes fossem mais uteis ao fim a que se propunha. Naturalmente humano, e sem ter o coração repassado de paixões violentas ou ferozes, o seu espirito inconstante e versatil levava-o comtudo a involver frequentemente o seu paiz nos desastres da guerra civil. Fôra creado marquez de Vilhena por D. João II de Castella, e os seus vastos dominios, que se prolongavam até ás fronteiras de Toledo, Murcia e Valencia, e abraçavam uma grande extensão de territorio populoso com villas e logares bem fortificados, tornavam-n'o o mais poderoso senhor de Castella. (2)

(1) No tempo que el-rei D. Pedro I de Portugal trazia guerra com o de Castella sobre a successão do reino houve muitos cavalheiros principaes portuguezes que em seu serviço se assigalaram contra o de Castella, dos quaes foram Martins Vasques da Cunha, Gil Vasques, e Lopes Vasques seus irmãos, e João Fernandes Pacheco que venceram a batalha de Trancozo, que foi uma das memoraveis que em Hespanha houve, em que houve numero de seis centos homens de cavallo, gente mui nobre e capitães principaes de Castella que vinham victoriosos e com sette centas azemalas carregadas de despojos, e fizeram cousas notaveis que lhes el-rei D. João não agradeceo como elles esperavam: pelo que elles desnaturando-se do reino se foram a Castella para el-rei D. Henrique o II ao qual Lopo Vasques fez conde de Buendia, e a Gil Vasques deu as villas de Roa e Manoilha.

A este fidalgo (João Fernandes Pacheco) o dito rei D. Henrique por os muitos serviços que lhe fez deu a villa de Belmonte na Mancha do Aragão, de cuja filha D. Maria Pacheco que casou com Rodrigo Telles Giron, filho de Martins Vasques da Cunha, nasceram os dois nobres senhores de Hespanha, D. João Pacheco, que foi duque de Escalona, marquez de Vilhena e mestre de San Thiago, e D. Pedro Giron, mestre de Calatrava, autor do condado de Urenha.

Discrição do reino de Portugal, por Duarte Nunes de Leão. cap. LXXXVII. Edição de 1610.

(2) O antigo marquezado de Vilhena tendo

Seu tio, o arcebispo de Toledo, era de um character aspero e violento, pertencendo ao numero d'aquelles prelados audaciosos e turbulentos, não raros na idade media, a quem Deus fadara mais para os perigos da guerra, do que para as praticas do culto. Era altivo, fero, e de um tracto desagradavel: a sua indomavel resolução valia para o bom exito dos seus projectos, não menos do que os recursos extraordinarios de que podia dispor, como Primaz das Hespanhas. Amigo fiel, e inimigo implacavel, era em grau imminente, um homem da sua epoca. (1)

O marquez de Vilhena, n'esta conjunctura, quando a causa de Henrique iv parecia desesperada, apesar de ter por si o conde de Haro, e a poderosa familia do marquez de Santilhana, cujos vastos dominios nas Asturias, faziam manter fieis ao rei as provincias do norte, parecia inclinado a uma transacção, que podesse dar paz ao reino.

Propoz-se, portanto, a Henrique iv que tratasse de effectuar o casamento de sua irmã a infanta D. Izabel (que depois foi Izabel-a-Catholica) com o irmão do marquez de Vilhena, D. Pedro Giron, grão mestre da ordem de Calatrava, a fim de chamar ao seu partido a poderosa familia dos Pachecos. O arcebispo de Toledo acolhia com favor a idéa de vêr um sobrinho seu, ligado com a casa real, e com probabilidades de subir ao primeiro posto do estado.

Henrique iv teve a fraqueza de aceitar estas propostas. Escreveu-se a Roma, para que o grão mestre fosse desligado dos seus votos, e fizeram-se esplendidos preparativos para solemnizar as futuras bodas. (2) Porém, apesar da repugnancia invencivel que a infanta D. Izabel, então com dezeseis annos de idade, mostrava para um tal consorcio, que offendia o seu or-

sido incorporado á coroa de Castella, foi cedido ao principe Henrique de Aragão, quando casou com a filha de João II. Foi depois confiscado por aquelle monarcha, em consequencia das continuas rebelliões do principe Henrique: e o titulo juntamente com uma larga porção do dominio originario foi conferido a D. João Pacheco, pelo qual foi transmittido a seu filho, depois elevado á dignidade de duque de Escalona, no reinado de Izabel-a-Catholica. Nota de Prescott-Hystory of the Reign of Ferdinand and Izabella — Tomo 1.º pag. 100 apud — Sallazar de Mendoza, dignidades de Castella e Leon

(1) O arcebispo de Toledo que fez a principal figura nesta longa e continua guerra civil, era um dos mais poderosos senhores de Castella, porque as rendas do arcebispado de Toledo, calculadas por Lucio Marineo, no reinado de Izabel-a-Catholica, elevavam-se á enorme quantia de 80:000 ducados. O celebre viajante veneziano Naviegiero affirma na relação da sua viagem á Hespanha que a Sé Metropolitana de Toledo era a mais rica da christandade, que os conegos viviam em palacios, e que os rendimentos delles e os do arcebispo igualavam os de toda cidade.

(2) Historia de Espana. Siglo XV. Part.

gulho de princeza, talvez elle se tivesse realisado, se D. Pedro Giron, atacado repentinamente por uma febre maligna, outros dizem que envenenado, não terminasse a vida dentro do curto espaço de quatro dias (2 de Maio de 1466). (3)

Este acontecimento tornou inevitavel a continuacão das hostilidades. Em 1467 os dois exercitos encontraram-se nas planicies de Olmedo. Henrique iv levava em sua companhia o marquez de Santilhana, e seus irmãos o bispo de Calahorra, o conde de Tendilla, e a sua familia; o conde de Medina; o duque de Albuquerque, D. Bertrand de la Cueva, genro d'este, com a sua gente; Juan Fernandes Galindo com as guardas do rei. O exercito, ao todo, elevava-se a oitocentas lanças, setecentos cavallos, e dois mil infantes, e foi ordenado em batalha por D. Pedro Peralta, condestavel de Navarra, que tinha vindo da parte do rei de Aragão com uma mensagem a Henrique iv.

O exercito de D. Affonso era mais numeroso. D. Alonso Henriques, filho primogenito do almirante de Castella, conduzia duzentos e cinquenta cavallos, entre lanças e ginetes. D. Garcia de Padilha commandava uma companhia de duzentos cavallos pertencentes ao mestre de Santiago, marquez de Vilhena. Fernando da Fonseca, irmão do arcebispo de Sevilha, outra de cento e cinquenta cavallos, entre lanças e ginetes. Troillo Carillo, filho do arcebispo de Toledo, outra de trezentos e sessenta cavallos. Pedro de Ontriberos, outra de quatrocentos cavallos, entre lanças e ginetes: o bispo de Plascencia, e sua filha a condessa de Belalcasar, quinhentos homens de pé. O infante D. Affonso, revestido de todas as armas, vinha acompanhado pelo arcebispo de Toledo, que tinha por cima da armadura uma estola encarnada, com cruces brancas para ser reconhecido na batalha, e pelos condes de Alva de Lista, de Ribadeo, e de Luna.

Rompeu a batalha no dia 20 de Agosto (1467), começando ás tres horas da tarde, entrando n'ella quasi exclusivamente a cavallaria, porque a infantaria, de ambos os lados, ou fugiu ou retirou-se. As sombras da noite impediram que a victoria se declarasse manifestamente por qualquer dos partidos. O reino ficava do mesmo modo, entregue á anarchia, dividido entre facções, cujos principaes caudilhos apenas procuravam conseguir pretensões individuaes, e os dois reis, um demasiadamente moço, outro, fraco de espirito, e de curtas faculdades, tornavam-se apenas os instrumentos coroados da ambição dos grandes.

A crise, entretanto, tomou novo aspecto, por um acontecimento inesperado. O infante D. Affonso morreu repentinamente, em 5 de Julho de

X. por D. João Ferreras. Madrid. MDCCXXII.— apud Castillo chronica cap. 85: Rudes y Andrada — chronica de las tres ordenes y Cavallérias.

(3) Ferreras—id.

1468, na villa de Cardenhosa, distante duas leguas de Avila, que fôra o theatro da sua acclamação tres annos antes. Affirmam uns que morrêra de peste, e outros que fôra envenenado. Citaremos textualmente os testemunhos contemporaneos, alguns dos quaes ineditos.

Eis o que diz Ferreras, habil compilador da *Historia de Hespanha*, nos principios do seculo XVIII, e que escreve, seguindo as chronicas de Affonso de Palencia e de Castilho.

« A noticia da redução de Toledo á obediencia do rei, feriu vivamente aos que estavam em Arevalo com o infante D. Affonso: e assim o arcebispo de Toledo, como o mestre de Santiago, e os mais senhores, trataram de ajuntar a sua gente, para recuperar aquella cidade. Havendo-a reunido, pozeram-se a caminho com o infante D. Affonso, e sua irmã D. Izabel, tomando o caminho de Avila. Chegaram a Cardenhosa, distante duas leguas d'aquella cidade, e o infante depois de ter jantado, deitou-se para dormir a sesta, e sendo já mui tarde, e vendo que não acordava, entraram no quarto, e acharam-no accommettido de um accidente mortal, com os sentidos perdidos, de que se seguiu uma grande perturbação; applicaram-lhe quantos remedios descobriu a medicina, e a oportunidade; porém foram sem fructo; porque em breve morreu n'uma terça-feira 5 de Julho, tendo quinze annos de idade: com o que se verificou o prognostico do papa. O corpo do infante foi levado pelo bispo de Coria, para ser depositado em S. Francisco de Arevalo, d'aonde depois foi trasladado ao da Cartuxa de Miraflores de Burgos, aonde jaz seu pae. Fizeram-se varios juizos por causa da morte do infante; uns disseram que morrêra por peçonha que lhe haviam dado n'uma truta; outros, que de epidemia contagiosa, que infestava summamente aquelles logares; porém tem-se por mais verosimil que morresse de apoplexia. » (1)

Eis o que se encontra no *Chronicon de Valladolid*:

Julho 5 (1468). Morreu este infante e principe (D. Affonso) depois de assim jurado rei em um logar, que chamam Cardenhosa junto de Avila, terça-feira cinco de Julho, *anno Domini* MCCCCLXVIII annos: uns dizem que morrêra de peste, e outros de hervas que lhe deram n'uma truta. (2)

N'outra passagem do *Chronicon de Valladolid* encontra-se esta noticia ácerca do infante D. Affonso:

« Dom Affonso, irmão do dito rei D. Henrique quarto, de pae, e de mãe da santissima

rainha Dona Izabel, se se conta como rei, porque na verdade foi jurado por tal em vida do dito rei D. Henrique quarto, seu irmão, por causa de seus descuidos e negligencias, hade-se contar pelo duodecimo do nome, porque dizem que depois de jurado governou quatro annos, e morreu em Cardenosa, logar da terra de Avila, de peste; outros dizem que lhe deram peçonha em uma truta. E eu ouvi dizer que a rainha santissima mandára que o seu retrato fosse pintado com corôa, e que se pozesse no catalogo dos reis. »

O arcebispo de Toledo, o mestre de Santiago, e varios senhores levaram a infanta D. Izabel á cidade de Avila, com o intuito de a proclamar rainha: ao mesmo tempo que o arcebispo de Sevilha, os condes de Plasencia, Benavente, e Miranda, apenas souberam da morte do infante, prestaram ao rei D. Henrique IV novo juramento de fidelidade.

A Andaluzia, aonde dominava a poderosa familia do duque de Medina Sidonia, pronunciou-se quasi inteiramente em favor de Izabel, e se esta adherisse aos desejos dos seus partidarios, é evidente que Henrique IV teria a final de resignar o throno.

A sua situação era tão precaria, que elle escrevia a seguinte carta de convocação ás cidades e villas do seu reino: « Eu el-rei vos envio saudar a vós alcaides, aguazis, regedores, cavalleiros, jurados e homens bons da mui nobre e mui leal cidade de Toledo, como aquelles que muito amo e prêzo, e de quem muito confio. Faço-vos saber que estando eu aqui na villa de Madrid, e comigo D. Affonso de Estuniga, conde de Placencia, e o mui reverendo em Christo padre arcebispo de Sevilha, e os condes de Benavente e Miranda, e o reverendo padre bispo de Siguenza esperando outros prelados e grandes d'estes meus reinos, me chegou nova como hontem terça-feira aos cinco dias d'este mez de Julho aprouve a Nosso Senhor levar para si a meu irmão, do qual tive mui grande dôr e sentimento assi por ser meu irmão, como por morrer em tam tenra idade e innocente, o qual tratei de vos participar para que o saibaes e ponhaes em bom recado a essa cidade. Assi mesmo porque eu mediante a graça de Deus, com accôrdo dos prelados e grandes dos meus reinos, e dos procuradores das cidades, villas, e irmandades d'elles, entendo dar ordem, paz, socego e tranquillidade aos ditos meus reinos, e ao bom regimento e administração e governação da justiça d'elles, de maneira que todas as guerras, males e damnos cessem nos ditos reinos. Por isso eu vos mando que envieis logo a mim duas boas pessoas d'essa cidade com vosso poder bastante para que juntamente com os ditos prelados e grandes e os outros procuradores das outras cidades entendam na dita paz e socego como cumpre ao serviço de Deus, e meu, e ao bem commum d'estes meus reinos. Dada em a nobre e leal villa de Madrid aos 5 de Julho do

(1) Ferreras—*Historia de Hespanha*—Parte X. A. C. 1468.

(2) *Chronicon de Valladolid* illustrado com notas por D. Pedro Sainz de Baranda—*Coleccion de documentos ineditos para la historia de Espana*. Tomo XIII.

anno de LXVIII. = Eu el-rei. = Por mandado de el-rei. João de Oviedo. (1)

A infanta Izabel, entretanto, apesar de instada pelo arcebispo de Toledo, e outros senhores, para acceitar o throno, resistiu em hesitar a esta seductora offerta, e disse que em quanto seu irmão vivesse não tinha nenhum direito aos reinos de Castella, que o paiz havendo estado por muito tempo dividido entre os dois monarchas, que disputavam a corôa, a morte prematura de Affonso devia olhar-se como um indicio de que o ceo desaprovava a sua causa.

Quando algumas cidades lhe escreveram, pedindo-lhe que tomasse as redeas do governo e o titulo de rainha, como sendo legitima herdeira dos reinos de Castella, respondeu de novo que não aprovesse a Deus que vivendo seu irmão el-rei D. Henrique, ella tomasse o governo nem o titulo de rainha de Castella. E o que ella poderia fazer era trabalhar com seu irmão quanto lhe fosse possivel, para que usasse de mais prudencia na governação do reino. (2)

A reconciliação teve lugar em 9 de Setembro d'este mesmo anno de 1468, na Castella-a-Nova, n'um logar denominado Toros de Guisando, entre Cebreros e Cadahalso. Os principaes capitulos d'esta concordia foram os seguintes: « Que a princeza Izabel fosse havida e jurada por herdeira dos reinos, e por rainha proprietaria e senhora d'elles depois da morte do rei D. Henrique. Que se lavrasse um decreto geral de amnistia a favor dos conjurados, e se restituisssem os bens a todos os que tinham seguido a voz do rei D. Affonso. Que se escrevessem cartas a todas as cidades e villas do reino, participando-lhes o que se concordára n'esta entrevista com prevenção de que nas suas respectivas municipalidades levantassem bandeiras por el-rei D. Henrique, e jurassem por princeza herdeira dos estados de Castella a D. Izabel. O rei promettia de boa fé tratar seriamente d'uma reforma geral no governo, com accôrdo e conselho dos prelados, grandes, e procuradores das cidades e villas e irmandades do reino, e de tomar todas as medidas para firmar a paz, o socego e a publica tranquillidade. A princeza, os prelados, grandes, e cavalleiros que seguiam a D. Affonso, ficavam reconhecendo a D. Henrique como rei de Castella e de Leão, fazendo-lhe preito e homenagem, e acceitando-o como rei e senhor natural; finalmente decidiu-se que se convocariam côrtes geraes para ratificar o que se decidira na entrevista, e sancionar os capitulos e condições da dita escriptura de concordia. (3) Para maior segurança, pediu-se tambem ao rei que se apartasse da rainha D. Joanna, sua mulher, e de sua filha, e mandasse ambas para Portugal. (4)

Henrique IV, adherindo a condições tão humilhantes, não era sincero. Todos os escriptores são concordes em affirmar que elle amava a princeza D. Joanna, como sua propria filha, apesar das suspeitas que havia sobre a legitimidade do seu nascimento; e parece que assignando este tratado, Henrique IV secretamente se ligara com o marquez de Vilhena, com o fim unico de o infringir quando tivesse ensejo.

Em quanto tinha logar esta entrevista, o marquez de Santilhana, o poderoso magnate das Asturias, irritado por não se ter pedido o seu conselho em negocio que tanto interessava a segurança do estado, e a prosperidade do reino, resolveu tirar partido da sua posição, e mostrar a influencia que poderia exercer nos acontecimentos que se preparavam. O marquez de Santilhana conservava em seu poder, no castello de Buitrago, a princeza D. Joanna, e desejando que a rainha, mulher de Henrique IV, que estava presa no castello de Aleajos, se podesse reunir a sua filha, propoz-lhe que viesse ter com ella, que elle e toda a sua casa a haviam de proteger, caso que tentassem realisar o que fôra tratado em Toros de Guisando.

A rainha D. Joanna acceitou a offerta, e o marquez de Santilhana mandou a dom Luiz Furtado de Mendoza, a Aleajos disfarçado, com uma somma sufficiente para comprar os guardas, que fazendo a vista grossa, deixaram entrar avisos e cordas, e a rainha uma noite desceu por uma janella, e montando nas ancas do cavallo de dom Luiz, em breves horas abraçava sua filha no castello de Buytrago.

Parece que nem mesmo na prisão em que estava encerrada, a honra da rainha ficara a abrigo da maledicencia, e odios do povo. Ferreras por esta occasião, escreve o seguinte: « Alguns aggravam com má nota a fama da rainha, dizendo, que no tempo da sua detenção no castello de Aleajos, emprenhara de um sobrinho do arcebispo de Sevilha; porém tudo é conto da malicia do vulgo, fundado na frequencia com que entrava no seu quarto este mancebo, que por ordem do arcebispo tinha de tratar d'ella: porque a acção de escorregar por uma corda, cavalgar e caminhar como pela posta, para chegar a Buytrago, não é de pessoa que esteja em termos de parir, como se estivera se isto fôra verdade; nem depois que esteve em poder do marquez de Santilhana, ha noticia de aborto ou de parto. Dizemos isto, porque não podemos supportar embustes offensivos, nem deixar cair nodos no credito d'uma mulher. (4)

(1) Don Iuan de Ferreras — Historia de Espana. — Siglo XV Part X. A. C. 1468.

O autor que assim falla é Antonio de Nebrixa, porque a este boato allude Damião de Goes — Chronica do principe D. João cap. XXXVI pelos seguintes termos: « e porque Antonio de Nebrixa nesta mudança da rainha falla nella mais desonestamente do que dantes o fez, não será rasão passar adiante sem aqui pôr suas feias palavras

(1) Marina. Theoria de las cortcs — segunda parte — Tomo II. lap. XXXVIII.

(2) Ibidem apud Palencia Cronica.

(3) Marina. Theoria de las cortcs Part 2.^a

(4) Ferreras. Historia de Espana — A. C. 1468.

A rainha D. Joanna, pela sua decisão e animo varonil, se não pela pureza dos seus costumes, parece que era digna irmã do esforçado Affonso v. Quando viu as cartas de Henrique iv as cidades e villas do reino, participando que a princeza D. Isabel havia sido jurada herdeira, convocando os procuradores para que em Ocana concorressem a fazer o mesmo juramento, e para celebrar côrtes, mandou immediatamente a dom Luiz Furtado de Mendoza a Casarubios para protestar em seu nome diante do legado do papa, contra semelhante juramento, e contra tudo quanto se havia tratado em Toros de Guisando.

A princeza Isabel, entretanto, via-se requestada pelos principes visinhos, apenas se divulgou a noticia de que fôra solemnemente reconhecida herdeira do reino de Castella. O irmão do rei de Inglaterra Eduardo iv, era um dos pretendentes: o segundo, o duque de Guienna, o infeliz irmão de Luiz xi, n'aquelle tempo ainda considerado successor do throno.

Para quem o seu coração se inclinava, e talvez as idéas politicas que já dominavam o seu elevado espirito, era para seu primo Fernando de Aragão. Este principe estava no vigor da idade, e era notado entre as damas pela gentileza da sua pessoa. Nas agitadas scenas em que elle fôra involvido desde os seus primeiros annos, demonstrara não menos o seu valor, do que um juizo maduro para os negocios do governo. Superior pelos dotes do corpo, e do espirito aos seus rivales, desposando Isabel poderia realisar a constante aspiração que ha seculos agitava os diversos reinos de Hespanha. Todos reconheciam quão util seria reunir o reino de Aragão ao de Castella, quando possuíam instituições analogas, fallavam a mesma lingua, e quando formando uma unica nação, e consolidando-se n'uma só monarchia, poderiam representar um papel importante no systema geral da politica europea.

e lhe responder a ellas, as quaes são pontoalmente as seguintes. Esta honrada e boa senhora para que a deshonra, que fazia a el-rei seu marido, fora a todos mais notorio, namorou-se de um mancebo, do qual poucos dias depois veio a emprenhar, e não o vendo disso contente, fez com elle que de noite com cordas a tirasse de casa, em que estava, e dahi a levasse n'um cavallo de posta a Buytrago, como fez. Oh Deos immortal, quão pouco juizo, e discripção de palavras em homem de que se esperavi o contrario. Responda Antonio de Nebrixa a este fraco argmento, se a rainha era prenhe, com que rosto havia de ir prenhe, e em companhia do adultero soccorrer-se a princeza D. Joanna sua filha, e pôr-se em mãos do conde de Tardilha vassallo, criado, e feytura de el-rei D. Henrique, a quem esta injuria se fazia, se assim era, como elle diz, o qual recolhendo a si punha a risco de perder a graça de el-rei, o qual conde como é notorio a recebeu, e servio alli como a rainha e senhora, e não como adultera e infame

O mestre de Santiago entretanto, com a sua costumada versatilidade, inspirado pelo desejo de decidir, a seu bel prazer, dos destinos da monarchia, e receiando que os seus vastos domínios que haviam já pertencido a um principe de Aragão, podessem, por este casamento, volver aos seus antigos possuidores, determinou empregar todos os esforços para impedir este matrimonio. Communicou as suas idéas ao arcebispo de Sevilha, e ao conde de Plazencia, pintando-lhe com vivas côres os perigos da reunião das duas corôas, e enviando recado ao marquez de Santilhana, que conservava em seu poder, como já dissemos, a rainha D. Joanna, e a princeza sua filha, concordaram todos em que a princeza D. Isabel se casasse com D. Affonso v de Portugal, que estava viuvo, e a filha da rainha com o principe D. João, seu filho primogenito, e unico herdeiro. (1)

O arcebispo de Toledo, que estava então intimamente ligado com a princeza Isabel, não ignorava os projectos do mestre de Santiago, e despachando um proprio com cartas para o duque de Medina Sidonia, para o conde de Arcos, dom Pedro Henriques, e outros senhores, lhes pediu que favorecessem o casamento da princeza com o principio herdeiro de Aragão.

O *Chronicon de Valhadolid* refere miudamente as circumstancias d'este acontecimento, que tanto devia influir sobre os futuros destinos da Hespanha.

1469 — Agosto 31. — Veiu a princeza D. Isabel para Valhadolid, quinta feira xxxi do Agosto, meia hora depois do sol posto, e com ella os senhores arcebispo de Toledo, e o almirante dom Fradique, *anno domini mccccl xviii*.

Outubro 6. — Saiu de Aragão o rei de Sicilia, principe D. Fernando, filho do rei de Aragão, e partiu de Saragoça com animo de vir casar-se com a dita senhora princeza, sexta feira vi de Outubro.

7 — E no sabbado seguinte, antes do romper da alva, saiu das fronteiras de Aragão, e entrou em Castella, e veiu acompanhado de Affon-

(1) Esta é a narração de Ferreras, apud Palencia, Castilho etc. Damião de Goes diz que o embaixador de Affonso V. fôra o arcebispo de Lisboa, D. Jorge da Costa, depois cardeal. A princeza D. Izabel, ainda não era casada a esse tempo mas já entrára em negociações com o rei de Aragão, por intervenção do arcebispo de Toledo, e por tanto recusou. Ferreras equivoca-se seguramente dando o nome de Alonso de Nogueira ao arcebispo de Lisboa.

Prescott, apud. Bernaldes Reyes Catholicos e Alonso de Palencia diz que os rapazes ajuntavam-se ás portas do palacio de Henrique IV e repetiam estancias satyricas, em que se mettia a ridiculo a desproposição que havia entre os annos maduros de Affonso V, e as graças juvenis de Izabel. O povo miudo de Castella em geral desejava que a princeza cazasse com o principe de Aragão.

so de Palenzuela (é erro, segundo nota o senhor Sainz de Baranda : deve ler-se Palencia, e é o famoso chronista) secretario do arcebispo, e de Tristão de Villarruel, e de Gutterre de Cardenñas, mestre-sala da dita senhora princeza, e de um correio que se chamava Aunon : no primeiro dia andou vinte leguas, no segundo dia chegou a Poma, aonde fallou com o senhor dom Pedro Manrique, conde de Treviño, com vinte de cavallo. (1)

Eis agora a narração de Affonso Palencia, companheiro de viagem do principe, como vimos, resumida pelo senhor Sainz de Baranda.

«Saindo D. Fernando de Saragoça passou em direitura a Verdejo, povo situado nos confins de Aragão, e distante hoje em dia d'aquella cidade doze leguas, aonde o esperava Gutierre de Cardenñas, e sem demorar-se em Verdejo passaram adiante. Levava o principe na sua comitiva cinco pessoas unicamente, além de Pedro de Aunon, correio que servia de guia, e um cavalleiriço chamado João de Aragão. Chegou o principe com o seu acompanhamento a uma aldêa situada entre Gomara e o Burgo de Osma. Ali se detiveram todos, unicamente o tempo necessario para ceiar, e acabada a ceia, em que o principe por maior dissimulação serviu à mesa, depois de cuidar das cavalgadas partiram de noite a deshoras, para proseguir a sua viagem. Entretanto havia saído de Saragoça Mosen Pero Vaca, apparentando levar alguns regalos ao rei de Castella, mas conduzindo na realidade em varias cargas toda a equipagem do principe. Juntaram-se em Calatayud Alonso de Palencia e Thristão de Villareal, e seguindo ostentosa-mente o seu caminho por Ariza e Monteagudo, chegaram ao Burgo de Osma no dia 6 de Outubro. Mui entrada a noite chegou tambem o principe ao cabo de dois dias e duas noites sem descanso, o que fazia com que os do seu acompanhamento estivessem mortos de frio, e rendidos de somno.» (2)

Eis o que se lê tambem no *Chronicon de Valladolid* :

1469 — Outubro 14 — Sabbado XIII de Outubro, 11 horas depois do meio dia veiu secretamente o dito senhor para ver a princeza, e logo quasi à meia noite estando o senhor arcebispo de Toledo presente, desposou-se secretamente com a dita senhora em presença de Pero Lopez, capellão do dito senhor arcebispo, e de Gutierre de Cardenñas, e de Gonçalo Chacon, e de um tabellião : e logo voltou o dito senhor para Duenas.

18 — Voltou o dito senhor rei (o principe D. Fernando tinha o titulo de rei de Sicilia) a Va-

(1) *Chronicon de Valladolid*, pg. 74, 75 — *Collección de documentos ineditos por la Historia de Espana Tomo XIII*.

(2) *Idem* — pag. 77 e 78. Nota 96 : resumo da narração de Affonso de Palencia pelo sr. Sainz de Baranda

lhadolid acompanhado do conde de Trevino, e do adiantado de Casorla, e de Diogo de Roxas, e de Sancho de Roxas, e com elles trinta de cavallo, e com os senhores arcebispo e almirante, e outros que saíram a recebê-los, quarta feira XVIII de Outubro quasi às quatro horas e meia depois do meio dia : e logo quasi às sete depois do meio dia se desposou publicamente com a dita senhora na casa de João de Vivero na sala rica por mão do senhor arcebispo, aonde jurou estar sob a obediencia do senhor rei de Castella, e outros muitos capitulos que agora não escrevo.

1469 — Outubro 19. — Quinta feira seguinte, que foram XVIII de Outubro fecharam-se na dita casa e sala, disse-lhes missa o dito Pero Lopez, que primeiro os casou, e jantaram com grande solemnidade : foi padrinho o almirante, e madrinha Dona Maria, mulher de João Vivero : n'essa noite foi consummado entre os noivos o matrimonio, aonde se mostrou cumprido o testemunho de sua virgindade e nobreza em presença de juizes, regedores e cavalleiros, segundo pertencia a reis. (1)

Fernando e Isabel deram immediatamente parte do seu casamento a Henrique IV, mandando-lhe uma copia do contracto. Henrique IV, cada vez mais sujeito à influencia do mestre de Santiago, respondeu friamente ao enviado : «que havia de submeter o negocio ao parecer dos seus ministros.»

A rainha Dona Joanna, de novo reunida a seu marido, e contando com o apoio dos mais poderosos senhores de Castella, sentia reanimadas as esperanças de deixar sua filha na posse do throno.

Continua.

LOPES DE MENDONÇA.

COINCIDENCIAS NOTÁVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{mo} SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Algarismo 4 e 3.

Continuação

Faz D. João I, estes quatro casamentos : o principe D. Duarte, com D. Leonor, filha de D. Fernando, rei de Aragão ; a infanta D. Isabel, com Philippe, o bom, duque de Borgonha, (por occasião das bodas instituiu o noivo a ordem do Tozão d'Ouro) ; o infante D. Pedro, com D. Isabel de Aragão ; o infante D. João, com D. Isabel de Portugal, filha de D. Affonso, seu irmão natural, e da filha do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. E n'estes casamentos figura qua-

(1) *Idem* — pag. 79.

tro vezes a letra *L*: na inicial de Leonor, e terminação de tres Izabeis.

D. Duarte, successor de seu pae, D. João I, resolveu tomar Tanger, para assignalar seu reinado, com alguma nova conquista em Africa. Embarcou para esta empreza, com os dois infantes D. Henrique e D. Fernando, vinte e dois annos depois da empreza de Ceuta, aos 22 do mesmo mez de Agosto (dois e dois, quatro). Contando levar quatorze mil homens, sômente com metade veio depois a achar-se.

Mencionamos quatro coisas importantes para o Affonso que se seguiu ao quarto, e foi herdeiro de D. Duarte; dois casamentos, um nascimento, e um obito. Casa a infanta D. Leonor com o imperador Frederico III, e faz as ceremonias o proprio papa; quando projectava accommetter os mouros d'Africa, morre D. João II de Castella, e succede-lhe D. Henrique IV, que trata casamento com a infanta D. Joanna, irmã de D. Affonso; no dia anterior ao quarto do mez que seguiu o quarto d'aquelle anno, deu a rainha á luz um menino que foi baptisado na cathedral de Lisboa, com o nome de João, que veio a ser segundo como rei d'este nome, e quarto da nova dynastia, começada em D. João I.

São quatro os actos ultimos de D. Affonso V: renova a guerra com Hespanha, ao regresso de França; annula a dispensa que tinha do papa, para casar com D. Joanna sua sobrinha; torna a fazer pazes com a Hespanha, por ver a esquivança do seu filho a continuar a guerra; e professando aquella princeza no Convento de Santa Clara em Coimbra, cae elle enfermo, e procura reconciliar o filho com o duque de Bragança quem elle tinha grande odio, renunciando finalmente ao reino e ao mundo, partia occultamente da côrte para recolher-se ao Varatojo, quando foi ferido da peste em Cintra, e ahí falleceu aos 28 (quarta semana) de Agosto em 1481, na idade de quarenta e nove (quarenta e oito e um) e com quarenta e quatro quasi de reinado.

Deu D. João II, quarenta mil cruzados de esmola á gente de quatro galés venesianas que uns piratas francezes haviam tomado e posto em terra nas costas d'este reino. A republica de Veneza lhe mandou uma solemne embaixada, agradecendo aquella generosidade, e sollicitando sua alliança. Foi esta a segunda embaixada que a este soberano, lhe trouxeram suas mãos largas.

Teve D. Manuel, estes quatro grandes homens: Vasca da Gama, Duarte Pacheco, Francisco de Almeida, e Affonso de Albuquerque.

5

Affonso Henriques succedeu a seu pae cinco annos depois d'elle ter fallecido.

Depois da victoria de Ourique alcançada no centro da quinta provincia do seu reiuo, tendo recebido cinco feridas no combate, e vencido cinco reis, poz no seu escudete cinco besantes:

Aqui pinta no branco escudo ufano
Que agora esta victoria certifica
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal d'estes cinco reis vencidos
E n'estes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros porque Deus fôra vendido:
Escrevende a memoria em varia tinta,
D'aquelle de quem foi favorecido.
Em cada um dos cinco, cinco pinta
Porque assim fique o numero cumprido:
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues que em cruz pintado veiu.

Veze*s cinco* a letra *L* omittida em seu nome e vale cincoenta lhe foi memoravel, até á tomada de Lisboa: uma lançada de D. Fernando Yannes em Galliza; Leiria arrasada pelos mouros antes que lhe tomasse Santarem; Lamego, onde convocou as primeiras côrtes; Lourenço Viegas, que figurou principalmente n'ellas; Lisboa, que já casado com D. Mafalda tomou, fazendo voto de edificar Alcobaça.

Aos 5 do mez, seguinte ao quinto do auno, que precedeu 1265, fizeram-se as demarcações dos reinos de Portugal e Hespanha, obrigando-se o quinto rei d'aquelle, a dar por Silves cincoenta lanças; homenagem de que ficou *liberto* D. Affonso, quando D. Beatriz e seu filho D. Diniz, cinco annos depois, foram a Sevilha, a visitar este seu avô, rei de Castella.

Hia havendo cinco reis simultaneos na Peninsula: D. Diniz une-se com os de Aragão e Granada para pôrem no throno de Castella D. Affonso de Lacerda, e no de Leão, o infante D. João filho do defunto rei D. Sancho, o Bravo. Concluiu-se a facção com dois cazamentos: D. Constança de Portugal passou á Hespanha, para cazar-se quando tivesse idade, com o rei de Castella; de lá veio para este reino D. Beatriz, irmã do principe de Castella, para se receber, com o infante D. Affonso, filho de D. Diniz.

A Diniz, seguiu-se, 5.º rei, o mestre d'Aviz: aquelle.

« Ficou-lhe o filho pouco obediente,
« Quarto Affonso; mas forte e excellente,
que foi pae de D. Pedro:
« Do justo e duro Pedro nasce o brando.
« Remisso e sem cuidado algum, Fernando.
A este succedeu o mestre d'Aviz,

« Joanna e a quem do peito o esforço cresce.
Acclamaram o mestre d'Aviz, como D. João I.
aos 5 dias do mez que precede o 5.º em 1385.
Tinha nascido em Lisboa aos 15 do mesmo mez em 1358 (85-58). Foi educado por Nuno Freire de Andrade, mestre da Ordem de Christo; e este foi quem pediu para elle a D. Pedro seu pae, o mestrado de Aviz.

Continua.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguen julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 réis.